

**A PRESENÇA DO PATRIARCALISMO NA LITERATURA
BRASILEIRA: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE “MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”, DE MACHADO DE ASSIS, E
“SENHORA”, DE JOSÉ DE ALENCAR**

**THE PATRIARCHY PRESENCE IN THE BRAZILIAN LITERATURE:
COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE
BRÁS CUBAS”, OF MACHADO DE ASSIS, AND “SENHORA”, BY
JOSÉ DE ALENCAR**

Vanessa Fátima Moraes de Souza¹
vane.souzza@gmail.com

RESUMO: Homens e mulheres são representados de diferentes formas nas obras literárias, bem como pertencem a espaços pré-definidos conforme a sociedade representada. Dessa forma, o presente artigo objetiva traçar um paralelo entre as obras “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, escrita por Machado de Assis, e “Senhora”, escrita por José de Alencar, ao analisar a presença do patriarcalismo através da leitura dos espaços destinados aos personagens Brás Cubas e Virgília em paralelo com os espaços destinados aos personagens Fernando Seixas e Aurélia. Dessa maneira, utilizar-se-á a teoria de DaMatta (1997) para analisar os espaços “casa” e “rua” e para comprovar que, enquanto as mulheres da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” são submissas ao homem, na obra “Senhora”, o papel do homem e da mulher é invertido, ficando para Fernando o dever de ser submisso.

Palavras-chaves: Papel do homem. Papel da mulher. Patriarcalismo.

ABSTRACT: Men and women are represented on different ways in literary works, as well as belong to predefined spaces according to the represented society. Thus, this article aims to draw a parallel between the works "Memórias Póstumas de Brás Cubas", written by Machado de Assis and "Senhora", written by José de Alencar, to analyze the presence of patriarchy through the reading of the spaces designed for the characters Brás Cubas and Virgília in parallel with the spaces for the characters Fernando Seixas and Aurelia. Thus, it will be used the DaMatta's theory (1997) to analyze the spaces “house” and “street” and to prove that while women of "Memórias Póstumas de Brás Cubas" are submissive to men, in “Senhora” the role of men and women is reversed, and is Fernando that has the duty to be submissive.

Keywords: Man's role. Women's role. Patriarchy.

¹ Mestranda do curso de Pós-Graduação em Letras – Linguagem, Cultura e Sociedade, pela UTFPR (Campus Pato Branco).

1 Introdução

Em séculos passados, no Brasil, a mulher era vista como um ser submisso ao homem, ou seja, segundo Bessa (2010), a mulher era considerada mais frágil e incapaz de assumir o comando de uma casa ou de uma família. Por outro lado, Bessa (2010) ressalta que o homem ficou com o poder, com a liderança dentro da sociedade, devido a sua força física e ao poder de mandar. A partir disso, pode-se dizer que era a mulher quem ficava em casa, cuidava da família, do ambiente e da preparação das refeições, enquanto o homem trabalhava fora e sustentava a família. Nas últimas décadas, em contrapartida, a maioria das mulheres revolucionou a sua vida e o seu modo de pensar. Para Ruiz (2010), o perfil das mulheres na atualidade é diferente daquele do século XIX, pois agora elas trabalham fora, ocupam cargos de responsabilidade e ainda cumprem as tarefas tradicionais de mãe, esposa e dona de casa.

Esse comportamento pode ser notado não só no contexto histórico nacional, mas também na literatura. Em muitas obras literárias, a mulher é vista como um ser submisso, enquanto o homem é representado como o chefe da casa. Percebe-se que, normalmente, a mulher está ligada ao ambiente “casa”, enquanto o homem fica mais conectado ao que diz respeito à “rua”.

“Memórias Póstumas de Brás Cubas”, escrita por Machado de Assis, é uma obra que detalha essa visão de mulher e de homem, deixando evidente o papel de cada um naquela sociedade, em pleno século XIX. Tal romance é narrado por Brás Cubas, um personagem já morto, que volta para contar sua vida. Percebe-se que Brás Cubas vem de uma família com raízes totalmente patriarcais, o que será visto adiante.

Por outro lado, a obra “Senhora”, escrita por José de Alencar, contemporâneo de Machado de Assis, foge dessa ordem patriarcal, visto que a protagonista, Aurélia, é uma mulher rica devido à herança herdada do avô, e que, por conta de sua condição financeira, “compra” um marido por cem mil contos de réis.

Dessa forma, após a leitura de ambas as obras, será analisada, neste artigo, a presença do patriarcalismo mediante a leitura dos espaços destinados ao homem e à mulher nesses romances, a fim de perceber em que momentos o patriarcalismo se torna evidente, bem como o espaço que é delimitado para ambos os sujeitos em cada romance. Assim, o artigo será fundamentado nos teóricos Roberto DaMatta (1997), Roberto Reis (1987) e Barreto (2004). Em seguida, essa fundamentação será aplicada à análise, para, então, mostrar em que divergem ambas as obras em uma sociedade de ordem patriarcal.

2 A ordem patriarcal

As marcas da ordem patriarcal podem ser vistas em muitas obras literárias produzidas por autores/escritores brasileiros. Para dar início ao assunto, convém definir o que é patriarcalismo. Para Barreto (2004), patriarcalismo é uma estrutura sobre a qual se assentam as sociedades contemporâneas. Segundo a autora, uma sociedade patriarcal é caracterizada “por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura” (BARRETO, 2004, p. 64).

De acordo com Barreto, pode-se afirmar que, em uma sociedade regida pelo patriarcalismo, o homem exerce o papel de chefe da casa, já que sua autoridade é imposta institucionalmente, e a mulher fica submissa a ele, ou seja, submissa ao homem, sendo este pai ou marido. Além disso, filhos, empregados ou escravos também ficam submissos ao chefe da casa.

Reis (1987), ao definir o patriarcalismo, parece complementar a definição de Barreto, destacando que, a partir do senhor de engenho, considerado o patriarca, é que se definia a posição dos outros sujeitos que não pertenciam à casa-grande. Para Reis (1987), até mesmo os filhos eram subordinados ao pai, que exercia o papel do todo poderoso e, partindo deste, como ponto de referência, se definia a função de cada membro da família.

Considerando ambas as definições, convém observar que a mulher era o sujeito mais prejudicado nessa época, visto que, primeiramente, vivia em uma família patriarcal, cujo pai era rigoroso. Depois, ao casar, passava a viver submissa ao marido, atendendo-lhe as vontades e respeitando-o acima de tudo. Por sua vez, homens que estavam em uma posição menos favorecida, como os escravos, sofriam com a hierarquia existente nesse tipo de sociedade.

Reis (1987) afirma que a hierarquia existente entre senhor/escravo, em uma sociedade patriarcal, passou a atingir também as relações homem/mulher, pai/filho, fazendeiro/sertanejo, branco/índio. Assim, vale ressaltar que o patriarcalismo é fundado no poder do homem, não só como chefe da família, mas também no poder exercido sobre os menos favorecidos, como escravos, índios, etc.

3 A casa e a rua

Assim como a visão da mulher e do homem mudaram com o decorrer do tempo, também o espaço que cada um ocupa começou a mudar. No século XIX e até meados do

século XX, no Brasil, a mulher era a dona de casa, a que devia ficar em seu lar, enquanto o homem saía para a rua para trabalhar e resolver seus negócios. Isso pode ser comprovado com o trecho da obra “Senhora”, em que o marido sai para o trabalho, enquanto a mulher fica recolhida em casa:

No dia seguinte Seixas almoçou às oito horas conforme o ordinário e partiu para a repartição. A essa hora Aurélia ainda estava recolhida; mas seu quarto de dormir, que ficava no pavimento superior, deitava janelas para o jardim; da última delas via-se perfeitamente a parte da sala de jantar onde estava a mesa. (ALENCAR, 2005, p. 266).

No contexto atual, a casa, segundo DaMatta (1997), não designa somente espaços geográficos, mas também “entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade e domínios culturais institucionalizados” (DAMATTA, 1997, p. 8). Ainda, segundo o autor, o espaço definido como “casa” pode ser tanto o quarto como pode ser o país, tudo depende do que está em contraste, em oposição ao que é denominado “rua”, a qual, segundo DaMatta (1997), é o local onde as pessoas passam por indivíduos anônimos e desgarrados, onde não possuem nem paz, nem voz.

Assim, convém ressaltar que, na sociedade brasileira do século XX, o espaço “rua” era mais frequentado, principalmente, pelo homem, enquanto o espaço “casa” ficava destinado à mulher. Contudo, atualmente, ambos os espaços podem ser frequentados tanto pelo homem, quanto pela mulher, pois como dito anteriormente, hoje a mulher conquistou seu espaço e não precisa ser submissa ao homem, podendo sair, trabalhar fora e frequentar espaços que antes eram destinados somente aos homens.

Outro ponto interessante a ser observado é o fato de que o indivíduo se comporta de maneiras diferentes, dependendo do espaço que ocupa. Dessa forma, DaMatta (1997) afirma que em casa o indivíduo pode fazer coisas que são condenadas na rua. “Ora, porque, nas rotinas, os espaços específicos estão socialmente equacionados a atividades específicas. Não dormimos na rua, não fazemos amor nas varandas, não comemos com comensais desconhecidos, não ficamos nus em público, não rezamos fora das igrejas, etc.” (DAMATTA, 1997, p. 28).

Deste modo, observa-se que, na sociedade, bem como nas obras literárias, muitas vezes os personagens agem na casa de forma diferente do que agiriam na rua, a fim de não serem julgados pela sociedade. DaMatta (1997) ressalta que

Embora existam muitos brasileiros que falam uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal - o esperado e o legitimado - é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade. O comportamento esperado não é uma conduta única nos três espaços, mas diferenciado de acordo com o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação. Nessa perspectiva, as diferenciações que se podem encontrar são complementares, jamais exclusivas ou paralelas. (DAMATTA, 1997, p. 33).

Vale observar que é possível pré-moldar o estilo de indivíduos que serão encontrados entre a “casa” e a “rua”. Para DaMatta (1997), “é na rua que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral - ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais de família” (DAMATTA, 1997, p. 39).

É possível perceber também que, muitas vezes, é na rua que o sujeito deixa de se comportar como um *supercidadão*, pois a “rua”, segundo DaMatta, é o lugar da marginalidade e da malandragem:

Se no universo da casa sou um supercidadão, pois ali só tenho direitos e nenhum dever, no mundo da rua sou um subcidadão, já que as regras universais da cidadania sempre me definem por minhas determinações negativas: pelos meus deveres e obrigações, pela lógica do "não pode" e do "não deve". (DAMATTA, 1997, p. 67).

Por outro lado, há espaços que fazem uma ligação entre a “casa” e a “rua”. Tal espaço é chamado por DaMatta (1997) de espaço arruado, e equivale às janelas, varandas, cozinhas, salas de visitas, entradas de serviço e corredores, quintais, entre outros.

Dessa forma, pode-se destacar que, dependendo do espaço, as pessoas manifestam diferentes condutas e se comportam de acordo com o contexto em que estão inseridas. Em casa, podem ser pessoas honestas, civilizadas, enquanto na rua podem agir da forma como melhor lhe convier no momento. Além disso, as pessoas podem utilizar-se dos espaços arruados para “mascarar”, ou seja, para ocultar algumas ações que não poderiam ser vistas na rua, pelo restante da sociedade, muito menos na casa, local familiar.

Ligando isso à literatura, pode-se observar que é nesses espaços arruados que as mulheres dos romances em questão normalmente mantêm contato com o mundo, é nesses lugares que as conversas e os encontros proibidos aos olhos de outros indivíduos são realizados.

4 A sociedade patriarcal na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Após realizar a leitura da obra “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, escrita por Machado de Assis e publicada em 1881, e vista como um marco da literatura nacional por dar início ao Realismo brasileiro, observa-se que o personagem principal, Brás Cubas, pertencia a uma família totalmente patriarcal, visto que o pai era o chefe da casa e quem comandava a vida familiar. Primeiramente, vale ressaltar que a família de Brás Cubas era abastada em recursos financeiros, porém com pouco prestígio social. Cubas tinha muitos privilégios garantidos pelo pai, como um negrinho chamado Prudêncio. Depois, mais velho, começou a ter relações com uma prostituta, Marcela. Em seguida, por imposição do pai, foi estudar na Europa. Nesse momento, já é possível perceber a forte presença da submissão do filho ao patriarca.

No trecho a seguir, observa-se o poder do pai, no momento em que ele vai buscar o filho na casa da prostituta e o encaminha para Lisboa.

Com efeito, olhando para a porta, vi na calçada três dos correeiros, um de batina, outro de libré, outro à paisana, os quais todos três entraram no corredor, tomaram-me pelos braços, meteram-me numa sege, meu pai à direita, meu tio cônego à esquerda, o da libré na boleia, e lá me levaram à casa do intendente de polícia, donde fui transportado a uma galera que devia seguir para Lisboa. Imaginem se resisti; mas toda a resistência era inútil. (ASSIS, 1994, p. 28).

Outro momento em que se pode perceber a forte influência do pai é quando ele decide que o filho deve casar-se com Virgília, que acaba casando com Lobo Neves, um candidato a ministro apoiado por grandes influências, e assim, para o pai de Cubas, o nome da família é desmantelado naquele momento:

Meu pai ficou atônito com o desenlace, e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-lo. Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! (ASSIS, 1994, p. 52).

É possível notar também, nesse trecho, a forte crítica desenvolvida por Machado de Assis em relação à sociedade retratada, a qual era pautada nas relações gananciosas, em que até mesmo o casamento visava a lucros para a família. O casamento era uma forma de ascender socialmente, e Cubas desperdiçara a oportunidade.

Voltando ao momento em que Cubas é ainda uma criança, observa-se que o pai era a pessoa responsável por manter a ordem da casa. Era nele que a responsabilidade pela

educação dos filhos estava centrada: “Meu pai puxou-me as orelhas, disfarçadamente, irritado de veras com a indiscrição; mas, no dia seguinte, ao almoço, lembrando o caso, sacudiu-me o nariz, a rir: Ah! brejeiro! ah! brejeiro!” (ASSIS, 1994, p. 20). Nota-se aqui outra ironia por parte de Machado: perante a sociedade, o pai repreendia o filho, mas essa não era a sua intenção real. Só agia de tal forma para que os indivíduos ali presentes não o julgassem de forma errônea, manchando o sobrenome da família.

Também é possível constatar que, além da submissão do filho ao pai, há também a submissão da mulher ao marido, já que esta apenas acompanha as ações do marido, não podendo externar sua opinião. “Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz, crédula, sinceramente piedosa, — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na terra o seu deus. (ASSIS, 1994, p. 16).

Além de submissa, a mulher exercia o papel de mediadora oculta entre o filho e o marido, pois não poderia discordar das falas e ordens do patriarca de forma explícita: ‘Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as franquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma coisa, que me dava às escondidas.’ (ASSIS, 1994, p. 23).

Outro ponto que chama a atenção, no trecho citado, é a questão da hierarquia, que passa de pai para filho. Brás Cubas, ainda criança, já conseguia induzir a mãe a fazer o que ele queria. Além disso, o menino tinha um negro para chamar de seu e contra o qual aprontava muitas traquinagens:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — ‘ai, nhonhô!’ — ao que eu retorquia: — ‘Cala a boca, besta!’ (ASSIS, 1994, p. 15).

A animalização do escravo, no trecho, mostra que os negros, na época, não eram considerados gente. Eram comparados a animais que estavam ali simplesmente para servir aos seus senhores. É interessante observar que, tempos mais tarde, Prudêncio, já alforriado, é encontrado por Cubas vergalhando outro negro na praça. Apesar da alforria, Brás Cubas lhe ordena que pare de bater, e ele obedece, como se a questão hierárquica ainda existisse entre os dois, ou seja, como se Prudêncio ainda devesse obediência a Brás Cubas.

É possível perceber que o patriarcalismo também está presente nas referências a “casa” e a “rua”, como é defendido por DaMatta (1997). Em certo momento, quando Brás Cubas já está no fim de sua vida, recebe a visita de Virgília em casa:

— Já?

— Já; virei amanhã ou depois.

— Não sei se faz bem, retorqui; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras...

[...]

Virgília refletiu um instante, levantou os ombros e disse com gravidade:

— Estou velha! Ninguém mais repara em mim. Mas, para cortar dúvidas, virei com o Nhonhô. (ASSIS, 1994, p.28)

Nesse trecho, nota-se que a mulher, na sociedade patriarcal, não deveria frequentar a casa de um homem solteiro desacompanhada, pois não seria bem vista pela sociedade. Mesmo assim, Virgília encontrava-se com Brás Cubas. Porém, no trecho, ela decide, por recomendação do homem, que na próxima visita viria acompanhada do filho Nhonhô. Pode-se notar que, apesar de serem apenas amantes, Virgília aceita a sugestão dele, mostrando mais uma vez que a mulher se submete ao homem, comportamento típico de uma sociedade patriarcal.

Nos trechos que se seguem com Marcela e Virgília, é possível notar a presença da “casa”, da “rua” e dos “espaços arruados” como espaços delimitados para o homem e para a mulher, devido a alguns valores patriarcais. Primeiramente, em uma das discussões entre Marcela e Brás Cubas, a mulher entra em seu próprio quarto, pois esse é um lugar só seu, ou seja, o local que um homem solteiro não poderia adentrar: “Levantou-se, sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou para a alcova. - Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se” (ASSIS, 1994, p. 26). Machado mostra aqui que a alcova, apesar de ser um espaço de liberdade para a mulher, é também um lugar que a aprisiona, visto que ela não pode expor seus sentimentos e pensamentos em outros lugares que não este.

Em outro trecho, é possível notar que a “casa” passa a ser o local em que o casal Virgília e Brás Cubas poderia se encontrar, sem a influência da “rua”, sem que os valores patriarcais fossem respeitados.

A casa resgatava-me tudo; o mundo vulgar terminaria à porta — dali para dentro era o infinito, um mundo eterno, superior, excepcional, nosso, somente nosso, sem leis, sem instituições, sem baronesas, sem olheiros, sem escutas, — um só mundo, um só casal, uma só vida, uma só vontade, uma só afeição, — a unidade moral de todas as coisas pela exclusão das que me eram contrárias. (ASSIS, 1994, p.75).

Nesse momento, é possível notar a relutância da mulher em atingir o espaço que não lhe pertencia. Isso é observado em vários trechos da obra, principalmente quando se trata de mulheres que tiveram algum enlace amoroso com o protagonista, como Eugênia, filha da vizinha Eusébia, Virgília e Marcela, respectivamente:

A voz e as saias pertenciam a uma mocinha morena, que se deteve à porta, alguns instantes, ao ver gente estranha. Silêncio curto e constrangido. Dona Eusébia quebrou-o, enfim, com resolução e franqueza:

— Vem cá, Eugênia, disse ela, cumprimenta o Doutor Brás Cubas, filho do Senhor Cubas; veio da Europa. (ASSIS, 1994, p. 40).

Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, — coitadinha, — trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. (ASSIS, 1994, p. 61).

Ela ia abrir-me caminho para tornar à sala; eu segurei-lhe nas mãos, puxei-a para mim, e dei-lhe um beijo. Não sei se ela disse alguma coisa, se gritou, se chamou alguém; não sei nada; sei que desci outra vez as escadas, veloz como um tufão, e incerto como um ébrio. (ASSIS, 1994, p. 22).

Pode-se observar ainda que, nesses trechos, os espaços arruados acabam tornando-se o local de encontro entre homens e mulheres que não são casados, que estão conhecendo-se. O medo toma conta, muitas vezes, da personagem feminina, visto que se fosse vista por alguém, sua reputação terminaria ali mesmo e jamais conseguiria um bom casamento.

Por outro lado, a “rua” acaba se tornando o espaço da malandragem, em que tudo pode ser feito e onde os valores patriarcais não precisam ser respeitados.

Relanceei os olhos em volta de mim; a praia estava deserta; ao longe uns meninos brincavam, — um pescador curava as redes ainda mais longe, — ninguém que pudesse ver a minha ação; inclinei-me, apanhei o embrulho e segui. Segui, mas não sem receio. Podia ser uma pulha de rapazes. Tive ideia de devolver o achado à praia, mas apalpei-o e rejeitei a ideia. Um pouco adiante, desandei o caminho e guiei para casa. (ASSIS, 1994, p. 60).

No fragmento anterior, Brás Cubas encontra “o achado”, ou seja, cinco contos de réis, e não os devolve, revelando o que é exposto por DaMatta, ou seja, que a “rua” é o lugar do malandro, do subcidadão e que esse gesto, apesar de condenável, dificilmente seria realizado no espaço “casa”, pois ali o indivíduo deve comportar-se como uma pessoa civilizada, conforme os princípios morais familiares.

Dessa forma, é possível notar que a obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” apresenta muitas marcas patriarcais, sendo que quem exerce o papel de patriarca é o pai de Brás Cubas, enquanto a mãe, o filho e os empregados mantêm um comportamento submisso, sem reagir às ações autoritárias, já que são subservientes à autoridade imposta

institucionalmente, exemplificando a definição de Barreto (2004) sobre a sociedade patriarcal. Seguindo essa sociedade, Brás Cubas também mantém essa hierarquia na forma de tratamento com Prudêncio e Virgília.

Além disso, pode-se observar que as mulheres que viviam nessa sociedade costumavam frequentar os espaços que lhes eram designados pelo patriarca, no caso, a “casa”. Isso pode ser observado na personagem Virgília, que primeiro era submissa ao pai, o Comendador Dutra, e depois, ao casar com Lobo Neves, passa a ser subordinada ao marido. Outro ponto interessante é o fato de que, quando precisavam encontrar-se com seus amores, as mulheres o faziam em espaços arruados, como é observado nas relações amorosas de Brás Cubas com Eugênia, Virgília e Marcela.

5 A sociedade patriarcal na obra Senhora

A obra “Senhora”, escrita por José de Alencar e publicada em 1875, conta a história de Aurélia e Seixas. Aurélia era uma moça de origem humilde, que, quando jovem, apaixonou-se por Fernando Seixas, porém este acaba trocando o amor de Aurélia por um casamento arranjado com Adelaide, por um dote de trinta contos de réis. Contudo, Aurélia muda abruptamente de vida ao receber uma herança do avô falecido. Assim, utilizando seus recursos financeiros, Aurélia compra o marido desejado, Fernando Seixas, por cem contos de réis, e este aceita a proposta, sem saber quem era a sua pretendida, desfazendo o casamento com Adelaide.

Segundo Sena (2013, p. 71), “a situação crua do homem que se vende em contrato matrimonial permite representar e, ao mesmo tempo, desmascarar os costumes vigentes na época”. E isso fica evidente nessa obra, que procura desmascarar essa sociedade patriarcal, destacando que o poder financeiro se sobrepõe ao poder do homem.

Depois da compra, observa-se que, apesar de viver em uma sociedade patriarcal, onde o homem normalmente dá as coordenadas, é Aurélia quem decide sua vida e a vida de grande parte das pessoas que a rodeiam. Isso somente ocorre, porque Aurélia possui um poder aquisitivo alto devido à herança recebida. Porém, perante a sociedade, tudo acontece conforme os padrões impostos na época, ou seja, a de manter as aparências em uma sociedade patriarcal, em que, como afirma Barreto (2004), a autoridade imposta é institucional, do homem sobre a mulher.

Já no início do romance, observa-se que, apesar de ser independente e desejar conduzir sua vida como bem entendesse, Aurélia buscava mostrar para a sociedade que ela se encaixava em uma sociedade patriarcal. É o que se pode observar nos trechos a seguir:

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.
Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.
Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse. (ALENCAR, 2002, p. 13).

Além de ter a companhia de D. Firmina, fazendo o papel de guarda-moça frente à sociedade, Aurélia também tinha um tutor, Lemos, que, apesar de seu ofício, não exercia menor autoridade sobre a moça, ou seja, ela só o aceitava para cumprir as regras sociais, pois era ela quem decidia sobre sua vida e seu dinheiro. É perceptível, no trecho que segue, o momento em que Aurélia fala para o tutor que quer casar, e este não concorda. Porém Aurélia, com sua autoridade de âmbito financeiro, convence o tutor de que ela vai casar, bem como decide quem será o marido e quanto será o valor do dote:

- Dezenove? Cuidei que ainda não os tinha feito!... Muitas casam-se nesta idade, e até mais moças; porém é quando têm o paizinho ou a mãezinha para escolher um bom noivo e arredar certos espertalhões. Uma menina órfã, inexperiente, eu não lhe aconselharia que se casasse senão depois da maioridade, quando conhecesse bem o mundo. (ALENCAR, 2002, p. 29).

- Cabendo-me porém a fortuna de ter um tutor meu amigo, que me faz todas as vontades, como o senhor, meu tio...
- Lá isso é verdade! (ALENCAR, 2002, p. 31).

Outro ponto de Aurélia que merece destaque era o fato de agir, muitas vezes, de acordo com o comportamento destinado aos homens da época. Nos fragmentos a seguir, observa-se o modo como Dona Firmina descreve Aurélia, após esta a questionar sobre a sua beleza em relação à Adelaide, e o momento em que Aurélia está frente ao tutor, prestes a falar sobre a vontade de casar.

- Agora mesmo, Aurélia, está você me dando razão e mostrando sua instrução. Quem há de dizer que uma menina de sua idade sabe mais de que muitos homens que aprenderam nas academias? (ALENCAR, 2002, p. 21).

Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações da inteligência. Operava-se nela uma revolução. O princípio vital da mulher

abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem. (ALENCAR, 2002, p. 28).

Observa-se, no último fragmento, que o narrador destaca que Aurélia, em suas ações, abandonava o foco natural das emoções, “o coração”, típico do comportamento feminino da época, para focar, então, na razão, ou seja, no cérebro, típico aos homens. Já no decorrer do romance, Aurélia decide que quer casar com Seixas, um rapaz pelo qual se apaixonara antes de enriquecer. Dessa forma, após convencer o tutor, Aurélia consegue o que quer.

Percebe-se que Seixas vinha de uma família que seguia a ordem patriarcal. Seu pai falecera quando ele ainda era jovem, e ele acabara ficando como o chefe da casa. Dessa forma, nota-se que, na obra “Senhora”, o patriarcado também passa de pai para filho. Assim, é Fernando Seixas quem passa a tomar conta do lar e a acompanhar as mulheres da casa na sociedade. “Quando Fernando chegou à maioridade, D. Camila nele resignou a autoridade que exercia na casa, e a administração do módico patrimônio que ficara por morte do marido, e que embora partilhado nos autos, ainda estava intacto e em comunhão” (ALENCAR, 2002, p. 47). Na primeira noite de representação lírica, Fernando levou ao teatro a família. Foi uma festa para as três senhoras. (ALENCAR, 2002, p. 49).

Outro ponto a ser observado é a representação de Seixas perante a sociedade. Apesar de ser oriundo de uma família humilde, de poucas posses, com “módico patrimônio”, não demonstrava isso na “rua”.

Foi assim que Seixas insensivelmente afez-se à dupla existência, que de dia em dia mais se destacava. Homem de família no interior da casa, partilhando com a mãe e as irmãs a pobreza herdada, tinha na sociedade, onde aparecia sobre si, a representação de um moço rico. (ALENCAR, 2002, p. 46).

É importante ressaltar também que, na sociedade patriarcal, os casamentos eram arranjados, e o noivo recebia um dote da família da noiva. Seixas segue esse caminho, quando aceita casar com Adelaide por trinta contos de réis, e depois, quando aceita trocar de noiva e casar com Aurélia, sem nem mesmo saber seu nome e quem ela é, somente tendo em vista o dote de cem mil réis.

Agora, sobretudo, ao começar a realização do mercado, que ele havia feito de sua pessoa, quando ia encontrar-se com a mulher a quem se alienara sem a conhecer, e em troca de um dote; agora é que toda a humilhação desse procedimento se lhe desenhava com as cores mais carregadas. (ALENCAR, 2002, p. 69).

Após tratado o casamento, Aurélia passou a frequentar a sociedade raras vezes, pois não era bem-visto mulher comprometida circular pelos bailes na Corte, já que o enredo ocorre em uma sociedade de cunho patriarcal.

Desde que se anunciou o casamento, começou a moça a aparecer mais raramente na sociedade, até que de todo retirou-se; limitando-se ao pequeno círculo que frequentava sua casa, e no qual ela por assim dizer espanejava sua alma de um certo entorpecimento que lhe deixavam as ternas confidências e devaneios namorados do noivo. (ALENCAR, 2002, p. 80).

Assim que o casamento se realizou, os papéis dentro da casa se inverteram, ou seja, era Aurélia quem exercia o papel de chefe da casa, enquanto Seixas se tornou submisso a ela, devido à compra de marido feita. Já na primeira noite, casada, Aurélia mostra para o marido que é ela quem conduzirá o casamento. Convém lembrar que isso ocorre no espaço demarcado, conforme DaMatta, como “casa”, onde somente Aurélia e Fernando ficariam sabendo o que ocorria.

- Vendido, sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica; sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento. (ALENCAR, 2002, p. 91).

No dia seguinte ao casamento, durante o almoço, Aurélia diz ao marido para que prove a lagosta, que está deliciosa. Seixas responde em tom irônico, ao passo que Aurélia aligeira-se em responder, a fim de que dona Firmina, que também está à mesa, não perceba o que realmente está acontecendo. Novamente, percebe-se que Fernando Seixas sente-se livre para responder ironicamente à esposa, visto que está em um lugar demarcado como “casa”, enquanto Aurélia responde rapidamente com gracejo, pois, para ela, o fato de haver outra pessoa à mesa, pode demarcar o espaço como “rua”, onde nem tudo deve ser mostrado, visto que a sociedade poderia ficar sabendo o que acontecia naquele casamento.

- Ordena? perguntou Fernando prazenteiro, mas com uma inflexão particular na voz. Aurélia trinou uma risada.
- Não sabia que as mulheres tinham direito de dar ordens aos maridos. Em todo o caso eu não usaria do meu poder para cousas tão insignificantes.
- Mostra que é generosa.
- As aparências enganam. (ALENCAR, 2002, p. 154).

Esses tons irônicos são usados outras vezes por Fernando Seixas, revelando que ele obedece às ordens de sua mulher.

- Faria prova de mau gosto a senhora que atualmente mostrasse repugnâncias dessa ordem; além de que preciso de conformar-me aos hábitos de meu marido.
- Por este motivo, não. Como seu marido, não tenho hábitos, e somente deveres. (ALENCAR, 2002, p. 155).

Não fuma? Perguntou ao marido.

- Permite?

- Já lhe disse que não me incomoda! Retorquiu a moça com um assomo de impaciência.

- Desculpe-me; não tendo recebido um consentimento formal, receei contrariá-la. (ALENCAR, 2002, p. 155).

- A senhora deseja ficar só? Perguntou Seixas. Ordene, que eu me retiro, agora como em qualquer outra ocasião. (ALENCAR, 2002, p. 200).

- A senhora fará o que for de sua vontade. A minha obrigação é obedecer-lhe, como seu servo, contanto que não lhe falte com o marido que a senhora comprou. (ALENCAR, 2002, p.158).

Em outro momento, enquanto passeavam no jardim da casa, Aurélia ordena ao marido dar-lhe o braço, visto que ambos encontram-se em um espaço arruado, ou seja, em um local que conecta a “casa” e a “rua”, o ambiente interior com o exterior, um local onde a sociedade conseguiria ver o que estava ocorrendo entre o casal e que, assim, poderia perceber que o casamento não era feliz.

- Ofereça-me o braço!

[...] Aurélia voltou-se rapidamente para fitar no semblante do marido um frio olhar de interrogação; mas Fernando contemplava as gradações da luz no ocaso, e só voltou-se para oferecer o braço à mulher, conforme a recomendação que recebera. (ALENCAR, 2002, p. 164).

Assim, observa-se que, apesar da submissão imposta por Aurélia no espaço “casa”, ela preocupa-se com o que vai mostrar para a sociedade no espaço “arruado”, já que está inserida no contexto da época, com a manutenção de uma sociedade patriarcal.

Daí encaminhou-se ao piano, que é para as senhoras como o charuto para os homens, um amigo de todas as horas, um companheiro dócil, e um confidente sempre atento. Ao abrir o instrumento, lembrou-se que não era próprio a uma noiva de véspera entregar-se a esse passatempo, quando vizinhos e criados, todos deviam supô-la àquela hora engolfada na felicidade de amar e ser amada. (ALENCAR, 2002, p. 157).

- Mostre-se alegre. Quero que todos, mas principalmente esta mulher, acreditem que sou feliz e muito. O senhor deve-me ao menos esta ridícula satisfação em troca do que roubou-me. (ALENCAR, 2002, p. 204).

Nesse último fragmento, percebe-se que Aurélia ordena ao marido que se mostre alegre, pois há ali a presença da ex-noiva de Seixas, Adelaide. Logo, Aurélia quer mostrar que Seixas está mais feliz com ela do que se estivesse casado com Adelaide.

Dessa forma, pode-se concluir que, apesar de viver em uma sociedade patriarcal, Aurélia e Seixas invertem os papéis, e ele se torna submisso a ela, ou seja, ele sujeita-se a essa submissão em virtude da independência financeira da esposa. Por outro lado, nota-se que, dependendo do espaço em que estão, Aurélia preocupa-se com o que está acontecendo a sua volta, ou seja, quando está em casa, sozinha com o marido, ela dá ordens e age como se ambos fossem apenas dois conhecidos, ou como se ela fosse sua dona. Já nos momentos em que há pessoas junto com o casal, observa-se que o espaço em que ambos se encontram é um espaço que pode ser definido como “rua”, segundo a teoria de DaMatta, e, por esse motivo, a protagonista deve agir conforme as regras que a sociedade impõe, ou seja, a de uma sociedade patriarcal. Logo, mostra-se como uma esposa feliz com o casamento e impõe que Fernando Seixas aja como se fosse o melhor marido que a sociedade já vira.

6 Conclusão

Após analisar as duas obras, nota-se que prevalece, em ambas, a sociedade patriarcal, mas com enfoques diferenciados. Em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, essa sociedade está bem evidente; já em Senhora, de José de Alencar, a sociedade apresentada pelo autor reconhece o foco patriarcal na história de Aurélia e Fernando Seixas, mas apenas o leitor identifica a inversão de papéis no espaço “casa”. O contexto em ambas as obras é de uma sociedade patriarcal, em que o homem deve ser o chefe da casa, e a mulher, submissa a ele.

Com isso, nota-se que a obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” obedece à ordem patriarcal, e as mulheres da obra são submissas ao homem. Além disso, percebe-se que a mulher comprometida, ou, no caso, casada, dificilmente encontra-se com um homem solteiro no espaço definido como “casa” e, quando o faz, fica o questionamento sobre as ações da mulher e sobre como a sociedade reagiria diante de tal situação. Dessa forma, a maioria delas escolhe espaços arruados, como o jardim, a escada ou o portão para encontrar-se com seus amantes. Além disso, constata-se que, na obra, a ordem patriarcal impõe que o papel de chefe passe de pai para filho, e isso acontece quando Brás ainda é uma criança e ganha o negrinho Prudêncio. Com esse “presente”, Brás Cubas começa a exercer o papel de chefe, mandando, surrando e fazendo o que desejasse com o negrinho.

Já na obra “Senhora”, de José de Alencar, observa-se que, apesar de os personagens se encontrarem em uma sociedade patriarcal, eles só obedecem a essa ordem em sociedade, visto que, na “casa”, os papéis são invertidos e, assim, devido ao teor financeiro de comando feminino, é a mulher quem age como chefe e decide como a vida familiar irá desenrolar-se. Observa-se, contudo, que apesar de ser Aurélia quem comanda a casa e o marido, perante a sociedade isso fica oculto, ou seja, em sociedade, o casal demonstra ter uma vida feliz. Assim, pode-se dizer que, no espaço “casa”, a vida dos personagens acontece como ela realmente é, com desentendimentos e conversas irônicas; já no espaço “rua”, os personagens agem com cautela, exalando felicidade e mostrando que têm uma vida perfeita. Vale ressaltar que a obra possui um final feliz, em que Seixas quita sua dívida com Aurélia e esta revela todo o seu amor pelo marido. Dessa forma, fica a dúvida para o leitor se, havendo uma continuidade da história, o comando feminino ainda teria espaço.

Pode-se concluir, então, que os espaços “casa” e “rua” definem o modo de agir dos personagens de ambas as obras, os quais se preocupam com o que irão mostrar para a sociedade e agem de forma a adequar-se a esses espaços em que estão inseridos, agindo no espaço “casa” diferente da forma com agiriam no espaço “rua”.

Referências

ALENCAR, José de. **Senhora**. 34. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 28. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

BARRETO, M.P.S.L., Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. **Revista Àrtemis**, v.18, n. 1, p. 64-73, 2004.

BESSA, Karla Adrina Martins. **Papel da mulher na sociedade ao longo da história**. Publicado em 2010. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/socialsciences/sociology/1653449-papel-da-mulher-na-sociedade/#ixzz1NDnMJnXM>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

DAMATTA, Roberto **A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

REIS, Roberto. **A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro**. Niterói: EDUFF; Brasília: INL, 1987.

RUIZ, Ana Paula. **Comportamento da mulher na empresa**. [S.l., 2010]. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml?id=1624>.

Acesso em: 01 jul. 2015.

SENA, Gilvânia. **A transgressão feminina em Senhora e Luciola de José de Alencar**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2013.